

OS CONCEITOS DE LUGAR E PAISAGEM NA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA

Maria de Jesus de Araújo Ramos (aluna do ICV/UFPI), Armstrong Miranda Evangelista (Orientador, Depto de Métodos e Técnicas de Ensino – UFPI)

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata o resultado de estudos de uma pesquisa realizada no âmbito do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, sob coordenação de dois professores da área, contando ainda com a participação de três alunos de iniciação científica. O foco do estudo foi abordagem dos conceitos de lugar e paisagem na prática docente em geografia, donde envidamos esforços para investigar o último desses conceitos.

A abordagem sobre o ensino de conteúdos geográficos no Ensino Fundamental nos últimos anos tem dado considerável atenção às questões relativas à formação de conceitos. Pretendeu-se, com isso, ir além dos enfoques que levam ao aprendizado de informações factuais pouco estimulantes das capacidades cognoscitivas dos alunos, dificultando o aprimoramento dos seus conhecimentos sobre conteúdos básicos da Geografia. Ainda mais quando se constata na tradição dessa disciplina a forte presença de enfoques memorialísticos, tornando a educação geográfica pouco atrativa para eles, fato que se relaciona diretamente à qualidade do trabalho do professor no chão da sala de aula.

Do rol de conceitos-chave da Geografia, tais como *espaço, lugar, região, território, paisagem, natureza* etc, destacamos o de *paisagem*, com o interesse especial de verificar como esse conceito de notável discussão na Geografia contemporânea é entendido pelos professores do Ensino Fundamental, bem como averiguar as suas contribuições para o processo formativo do aluno cidadão.

Assim, o propósito do estudo foi verificar no percurso formativo e na prática educativa dos professores de Geografia no Ensino Fundamental em escolas públicas de Teresina os conhecimentos que esses agentes dispõem acerca da *paisagem*, conhecimentos estes considerados chave para a educação geográfica escolar, principalmente pela importância que eles assumem para os educandos no entendimento da dinâmica e organização do espaço geográfico contemporâneo.

Nessa perspectiva verificamos que a interpretação do conceito de paisagem é bastante diversificada nas múltiplas abordagens do pensamento geográfico, ora ressaltando-se alguns elementos, ora outros, geralmente obedecendo às perspectivas epistemológicas e ontológicas de uma determinada época.

Com o geógrafo Carl Sauer pudemos constatar que a paisagem pode ser entendida como um organismo, composto de dois elementos principais – um natural e outro cultural, característicos de certo lugar. Daí a Geografia se ocupar em analisar as formas culturais e as feições físicas de um meio, estudando o que é evidente, a paisagem objetivada, considerando as interações entre essas duas dimensões.

O geógrafo Augusto Berque, por sua vez, nos ensinou que a paisagem é uma marca, expressando o trabalho de uma civilização, que lhe imprime seus traços, sendo por isso decifrável. Que existe

intencionalidades subjacentes à sua organização. Ademais, como explica Denis Cosgrove, falar de paisagem traz também a idéia de que ela não é inteiramente passiva, já que também influem na cultura humana, na educação das novas gerações, expressando conhecimentos, valores e símbolos de certo grupo cultural.

A paisagem é assim composta de dois elementos básicos: a objetividade, uma vez que é transformada e apropriada pela ação humana, e a subjetividade, uma vez que a paisagem apresenta vários significados para os que a transformaram, a mantiveram ou a mantêm.

Assim, não obstante a polissemia terminológica buscou-se compreender a paisagem à luz da discussão acadêmica contemporânea, sem se restringir ao enfoque do livro didático. Compreendê-la como combinação dinâmica entre morfologia e sociedade, consciência e mundo sensível, para além da ênfase dualista entre o físico e o humano.

METODOLOGIA

A investigação foi desenvolvida em escolas públicas estaduais do Estado do Piauí na cidade de Teresina, contando com a participação de professores de Geografia do quinto e sexto anos do Ensino Fundamental. Os professores foram os escopos principais da investigação embora se tenha aproveitado dados fornecidos por outros agentes escolares, sobretudo para fins de triangulação dos dados. Buscou-se assim conhecer melhor a realidade da educação geográfica nesses espaços para, em seguida, indicar algumas alternativas viáveis para o seu o aprimoramento. Foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, utilizando-se ferramentas comuns nesse tipo de investigação, a saber: pesquisa bibliográfica, observação, aplicação de questionário e entrevistas.

Os dados foram tratados analisando-se freqüências e elaborando-se de gráficos e tabelas, técnicas usuais da pesquisa qualitativa. Buscaram-se na literatura sobre esse tipo de pesquisa as orientações básicas sobre a elaboração dos instrumentos a serem utilizados, como os questionários e os roteiros de entrevista, bem como alguns critérios relativos à aplicação desses instrumentos, sendo fundamental nessa etapa a supervisão do orientador.

Vale ressaltar, que o diálogo teoria-prática foi constante, indo do teórico para o empírico e vice-versa, a fim de construir uma teoria baseada nos dados, como quer Biklen (1994) e Denzin (2006). Coletados e processados os dados dos questionários e entrevistas fez-se a análise de conteúdo, de acordo com o método formulado por Bardin (1979).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se que o conceito de paisagem na abordagem professoral é fortemente marcado pela influência do livro didático. Ao responderem a indagações sobre o tema eles valorizaram o aspecto local da paisagem, do que é percebido pelo aluno no espaço cotidiano, por exemplo, no trajeto que faz de casa para a escola. Segundo os professores, o estudo da paisagem cotidiana permitiria ao aluno construir a noção do assunto, sem estudá-lo passivamente. Eles demonstraram em seus argumentos a necessidade de compreender a paisagem em seus aspectos naturais e humanos, o que é um avanço, tendo em vista não se limitarem a percebê-la apenas em relação aos primeiros. Incluíram o homem como agente principal de modificação da paisagem ao longo do processo histórico, evidenciando que a paisagem natural é transformada pela ação humana. Que a sociedade modifica o meio ambiente, fato melhor percebido na cidade.

Apontaram também o fato de que a paisagem tem uma história e que muito do que nela ocorre provém de acontecimentos que se sucederam ao longo do tempo. E que é melhor compreendida quando relacionada a outros conceitos geográficos.

Verificou-se o predomínio da aula expositiva. Os recursos mais usuais nas aulas dos professores foi o quadro de acrílico, o livro didático e os mapas. Tais recursos integram a exposição oral do professor, geralmente acompanhados da resolução de exercícios do livro ou registrados no quadro.

Verificamos que a abordagem da paisagem poderia ser potencializada caso os professores utilizassem outros recursos auxiliares em suas aulas, principalmente aqueles que possibilitam o uso de imagens. Nota-se que eles são os menos utilizados. Considerando que praticamente todas as escolas dispõem de retroprojetores e laboratórios de informática, muitas atividades poderiam ser propostas fazendo uso desses recursos, especialmente porque o aprendizado é facilitado quando o estudo da paisagem combina texto, som e imagem, estimulando vários canais sensitivos. Ora, se o trabalho em sala de aula se restringe à exposição oral, sem variantes importantes, como a dialogicidade, surge a dificuldade para se concretizar os intentos construtivistas de alguns manuais didáticos adotados pelos professores e que influem em seus pontos de vista sobre o ensino. Cria dificuldades para desenvolver o que Coll (2003), inspirado em David Ausubel, chama de Aprendizagem Significativa, porque alicerçada em conceitos com distintos níveis de importância, formando uma rede conceitual na estrutura cognitiva do aprendiz.

CONCLUSÃO

Em suma, pode-se dizer que os professores, principalmente pela influência do livro didático, vêm procurando dar ao enfoque da paisagem um caráter atual. Contudo, percebe-se que preciso que fundamentem mais suas opções teóricas, que leiam mais livros científicos que tratem dos conceitos-chave da ciência geográfica, porque neles encontrarão explicações mais sólidas para questões que são tratadas superficialmente pelo livro didático, que é um material destinado principalmente para o aluno. Para isso, é imprescindível que sejam feitas realmente boas escolhas, tendo à disposição esse material para constante consulta diante dos desafios que enfrentam no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CLAVAL, P. **Geografia Cultural: cultura, meio e paisagem**. 3ª ed. Florianópolis: UFCS, 2007. p. 189 – 318.
- CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. 123p.
- SANTOS, M. Paisagem e Espaço. In: **Metamorfoses do espaço habitado**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 61 – 74.
- SAUER, C. O. 1925. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EduERJ, 1998.

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. *Revista RA'E GA*. Curitiba: nº. 7, p. 79-85, 2003.

YÀZIGI, E. (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. 226p.

Apoio: ICV / UFPI

Palavras-chave: Paisagem. Ensino de Geografia. Conceitos geográficos.